

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NO PRÉ-ESCOLAR

**A leitura de histórias como estímulo para o
aumento do vocabulário em crianças de
cinco anos**

Marisa Alexandra Neves Marques

Prova destinada à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Maio 2016



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
NO PRÉ-ESCOLAR**

**A leitura de histórias como estímulo para o aumento do vocabulário em crianças
de cinco anos**

Autora: **Marisa Alexandra Neves Marques**

Orientadora: Doutora Sara Leite

Maio 2016

“Tentar descobrir o significado, construir histórias e partilhá-las com outros, oralmente ou por escrito, é uma parte essencial do ser humano.”

Gordon Wells, 1986

Agradecimentos

No decorrer deste ano letivo, tive oportunidade de contar com o apoio de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, cooperaram para a realização deste trabalho e às quais gostaria de agradecer.

À minha Orientadora do Relatório Final, Doutora Sara Leite, pela sua disponibilidade e pelos seus conselhos para a realização deste trabalho.

A todos os Professores do Mestrado, que se apresentaram disponíveis para colaborar e tirar dúvidas, perante a investigação.

Aos meus familiares e namorado, pela compreensão, pelo apoio, pelo amor que me deram durante todo este período.

Às minhas colegas de curso, pela partilha de informação, que foi uma peça fundamental para a realização deste trabalho.

Às minhas colegas de trabalho, pelas palavras de incentivo e de apoio, bem como, em particular, ao Administrador e à Diretora Pedagógica, por sempre acreditarem que eu seria capaz.

À Educadora Cooperante, pela sua colaboração e pelo tempo despendido em responder à entrevista.

Às crianças que participaram nesta investigação, pela alegria com que sempre me receberam. Sem elas nada disto teria sido possível.

Resumo

A leitura de histórias é um meio relevante para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que é uma oportunidade para transmitir informação, aumentar o vocabulário das crianças e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento cognitivo das crianças. O presente trabalho visou explorar a influência da leitura de histórias no desenvolvimento da linguagem oral, no contexto formal da Educação Pré-Escolar.

Este trabalho surgiu no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e partiu da perspectiva da educadora cooperante da instituição localizada no concelho de Oeiras. Foi desenvolvida uma investigação-ação, tendo como participantes um grupo de 18 crianças de cinco anos e a respetiva educadora cooperante. Os instrumentos de recolha de dados foram uma entrevista à educadora, a observação, as conversas informais e notas de campo para auxiliar a responder às questões de investigação: Será que a leitura de histórias influencia o gosto das crianças pelos livros? e “Será que a leitura de histórias contribui para a aquisição de vocabulário das crianças?”

Através dos resultados obtidos é possível confirmar e salientar a importância da leitura de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral, concretamente enquanto contributo para a aquisição de novo vocabulário por parte de crianças frequentando a educação pré-escolar.

Palavras-Chave: Leitura de histórias, Desenvolvimento da Linguagem Oral, Aquisição Lexical Educação Pré-Escolar.

Abstract

Story reading is an important way to the development of language because is an opportunity for transmitting information, increase the vocabulary of children and at the same time promote the cognitive development of children. This study aims to explore the influence of story reading on the development of oral language in the formal context of pre-school education.

This work came under the Supervised Teaching Practice of the Qualification Master for Teaching in Pre-school Education and departed from the perspective of cooperative educator of an institution located in Oeiras. An investigation-action was developed, with a group of 18 children aged five years and the respective cooperative educator. The data collection tools were an interview with the teacher, observation, informal conversations and field notes to help answer the research questions: Does reading stories influence the taste of children by books? and "Does reading stories contributes to the acquisition of vocabulary of children?

Through the results obtained it is possible to confirm and emphasize the importance of reading stories to the development of oral language, specifically as a contribution to the acquisition of new vocabulary by children attending pre-school education.

Keywords: Reading stories, Development of Oral Language, Lexical acquisition, Preschool Education.

Abreviaturas/siglas

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

MAEPE - Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar

Índice Geral

Abreviaturas/siglas.....	I
Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
<i>Abstract</i>	IV
Introdução.....	4
Capítulo 1- Enquadramento Teórico	
1.1 A Linguagem como meio de Comunicação.....	7
1.2 Aquisição da Linguagem Oral.....	8
1.2.1 Teorias da Aquisição da Linguagem.....	9
1.4 O Papel do Educador nos Momentos de Leitura de Histórias.....	13
Capítulo 2- Problematização e Metodologia.....	17
2.1 Problema, objetivos e questões de investigação.....	17
2.2 Paradigma.....	18
2.3 <i>Design</i> do estudo.....	18
2.4 Participantes.....	19
2.4.1 Caracterização da instituição de ensino.....	19
2.4.1.2. Caracterização do grupo.....	19
2.5 Instrumentos de recolha de dados.....	20
2.5.1 Observação.....	20
2.5.2 Entrevista.....	21
2.5.3 Lista de verificação de competências.....	22
2.5.4 Notas de Campo.....	22
2.5.5 Conversas informais.....	22
2.6 Observação.....	23
2.6.1 Observação.....	23
2.6.2 Entrevista.....	23
2.6.3 Lista de verificação de competências.....	23
2.6.5 Notas de Campo.....	24
2.6.6 Conversas informais.....	24
Capítulo 3- Propostas de Intervenção.....	26
3.1.2 Atividade “Ciclo do Mel”.....	26

3.1.2 Atividade: “O Pássaro da Alma”	27
3.1.2 Atividade: “As Rimas”	28
3.1.3 Atividade: Dramatização das Histórias “Todos no Sofá” e “Bruxa Mimi no Inverno” .	28
Capítulo 4- Apresentação e discussão dos resultados	31
4.1 Apresentação dos resultados	31
4.2 Discussão dos resultados	35
Capítulo 5- Considerações Finais.....	38
5.1 Conclusões da investigação.....	38
5.2 Contributos do estudo.....	39
5.3 Limitações do estudo.....	39
5.4 Propostas para investigações futuras	39
Referências Bibliográficas	41

Índice de Quadros/ Figuras

Figura 1- Cantinho da leitura de histórias

Figura 2- Avental da história “Pássaro da Alma”

Figura 3- Comportamentos Observados-Inicial

Figura 4- Comportamentos Observados-Final

Introdução

Alguns estudos têm mostrado a relevância da leitura de histórias e o seu contributo para um aumento e melhoria do vocabulário utilizado pelas crianças, sendo o educador um elemento para a promoção de atividades com objetivo de desenvolver a linguagem das crianças em Pré-Escolar.

O presente relatório foi realizado no âmbito Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e foi desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar. Esta investigação decorreu numa sala de pré-escolar (5/6 anos) e teve a duração de dois meses, iniciando em março de 2015 e tendo terminado em maio de 2015.

As razões para a escolha do tema desta investigação prendem-se com o interesse em verificar como a leitura de histórias possibilita o aumento do vocabulário em crianças de cinco anos e que atividades poderão ser realizadas neste âmbito.

Segundo Papalia, Olds, & Feldman (1999), A leitura de histórias é um meio relevante para o desenvolvimento da linguagem por parte da criança, uma vez que é uma oportunidade para transmitir informação, aumentar o seu vocabulário e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento cognitivo. No mesmo sentido, Lopes (2006) afirma que a leitura de histórias facilita à criança o aumento e melhoria do seu vocabulário e ainda promove o gosto pelos livros e pelo saber que estes contêm.

Como a leitura de histórias não era uma prática efetuada com frequência no local de estágio, a estagiária propôs a criação deste momento antes da atividade orientada, procurando depois averiguar os resultados obtidos ao nível do desenvolvimento da linguagem oral, concretamente no que respeita à aquisição de vocabulário. Perante este contexto, delinearão-se as seguintes questões de investigação:

- (1) Será que a leitura de histórias influencia o gosto das crianças pelos livros?
- (2) Será que a leitura de histórias contribui para a aquisição de vocabulário das crianças?

Para responder às questões, foram realizadas observações durante os momentos de leitura de histórias e posteriormente, aquando das atividades que eram propostas após a hora do conto.

Um dos objetivos desta investigação era verificar a importância da leitura de histórias em pré-escolar, para confirmar foram concretizadas observações acima mencionadas. O outro objetivo desta investigação era compreender a relevância que a educadora atribui à leitura de histórias, realizou-se uma entrevista à educadora, para conhecer a sua prática pedagógica.

Quanto à sua estrutura, e para além da Introdução, este relatório está dividido em quatro capítulos, seguidos das considerações finais, das referências bibliográficas e dos anexos. No primeiro capítulo, é apresentado o enquadramento teórico que suporta este estudo o qual é composto por seis subcapítulos: A Linguagem como meio de Comunicação, Aquisição da Linguagem Oral, Teorias de Aquisição da Linguagem, Os Contributos da Leitura de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem Oral e O Papel do Educador nos Momentos de Leitura de Histórias. No segundo capítulo, Problematização e Metodologia, é explicitada a metodologia utilizada, identificando-se as questões e os objetivos demarcados relativamente à investigação observacional, bem como as técnicas e os instrumentos utilizados para recolher informação. No terceiro capítulo, são descritas algumas das atividades realizadas no estágio, No quarto capítulo são expostos os resultados observados, seguindo-se uma discussão sobre os mesmos, tendo em conta o enquadramento teórico. Nas Considerações Finais é exposta uma reflexão sobre os resultados apresentados. Por fim, são apresentadas as Referências Bibliográficas que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho, e são incluídos os anexos, para uma melhor compreensão do mesmo.

Capítulo 1

1. Enquadramento Teórico

Esta investigação está relacionada com a linguagem oral, sendo neste capítulo justificada a importância desta área, em contexto de jardim-de-infância.

1.1 A Linguagem como meio de Comunicação

A expressão oral é muito relevante no desenvolvimento de uma criança, pois é através dela que comunica com o outro, transmite os seus sentimentos, diz o que pensa ou o que está a observar. Este aspeto reflete-se por exemplo no tipo de vocabulário que utiliza (Sim-Sim, 1998).

Ao exercitar a linguagem, a criança apropria-se de um conjunto de conceitos e regras que lhe permitem melhorar a sua comunicação e adequá-la aos contextos nos quais se insere, como indicam Sim-Sim I., Silva, & Nunes (2008):

Ser capaz de comunicar eficaz e adequadamente ao contexto implica dominar um conjunto de regras e usos da língua, e o jardim-de-infância é um espaço privilegiado para proporcionar oportunidades às crianças para se expressarem individualmente, interagirem verbalmente e, deste modo, desenvolverem as suas capacidades de expressão oral (p. 40).

Os mesmos autores referem ainda que a conversa é uma forma de a criança interagir verbalmente com o outro, através da qual pode pedir algo, expressar as suas ideias, ou tirar dúvidas. Gonçalves, Guerreiro, & Freitas (2011), complementam esta ideia explicando que a conversa é muito importante para o conhecimento linguístico da criança, porque esta para participar tem de aprender a alternar os papéis, a tomar a sua vez, falar da sua experiência e processar vários tipos de informação, “mobilizando um vasto conjunto de competências cognitivas, sociais e linguísticas” (p.48). No mesmo sentido, Hohmann & Weikart (2011) dão grande ênfase às conversas em pequeno grupo,

porque através delas as crianças expressam as suas ideias e experiências vividas, comunicam umas com as outras.

Segundo Sim-Sim (1998), “para comunicar através da linguagem não basta dominar as regras de estrutura da língua da comunidade a que se pertence” (p.183), tem que se saber o que dizer, o contexto em que se deve dizer e a quem dizer.

1.2 Aquisição da Linguagem Oral

A Linguagem Oral é uma faculdade muito importante que o ser humano realiza, pois através dela comunica com o outro, resolve os seus problemas, expressa as suas ideias. Deste modo, salienta-se a ideia de Rigolet (2000), quando refere que a aquisição da linguagem é uma das aquisições mais importantes durante a infância, sendo tão importante quanto o gatinhar e o caminhar. A linguagem assenta numa capacidade natural e é adquirida pela criança ao longo da sua infância e adolescência, durante um processo que implica a passagem por várias etapas, já que a criança começa por chorar, depois palreia, repete sílabas, diz palavras e por último constrói frases (Sim-Sim, 1998).

Para Hohmann & Weikart (2011), “A linguagem é constituída por um processo interativo, e não por uma capacidade inata” (p.526). As crianças não nascem a falar nem aprendem a falar porque lhes ensinam, mas por sentirem necessidade de comunicar com as outras pessoas, daí estes autores nomearem a linguagem como um processo interativo, no qual tem de existir troca de ideias entre crianças e criança/adulto. No mesmo sentido, Sim-Sim, Silva, & Nunes (2008) mencionam que a aquisição da linguagem não se restringe à aprendizagens de palavras novas ou à capacidade para produzir todos os sons da língua. É um processo gradual, no qual a criança, ao interagir com o outro, se vai apropriando da sua língua materna, utilizando-a para comunicar. Durante este processo, a criança aprende as regras da comunidade em que está inserida. Contudo, nos casos em que existem algumas exceções à regra, como por exemplo na forma do verbo *fazer* na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Tipicamente, a criança diz “fazeu”, realizando uma sobregeneralização, ou seja, “a criança demonstra que já interiorizou uma regra específica da língua” Sim-Sim, Silva, & Nunes (2008, p.14).

Sim-Sim (2002) distingue aquisição de aprendizagem, sendo aquisição a interiorização inconsciente da criança de um código linguístico, daí justifica-se a passagem do palreio para a palavra dita com valor de frase (holofrase). Por conseguinte aprendizagem envolve interiorização consciente, através do qual a criança vai interiorizando o conhecimento conforme este lhe vai sendo explicado. Para esta autora, o nível de compreensão do significado das palavras por parte da criança é mais elevado do que o nível de palavras que ela produz, ou seja, a criança compreende mais do que concebe. As palavras servem para classificar objetos, ações e a aquisição do seu significado surge no contexto, por isso as primeiras palavras de uma criança estão de acordo com o meio em que está inserida.

A linguagem é, pois, uma capacidade natural que vai evoluindo ao longo do tempo, envolvendo diversas fases de aquisição, noemadamente o conhecimento dos sons da língua materna, a produção das primeiras palavras e posteriormente a construção de frases. Nestas fases, a compreensão da criança antecede a sua produção, ou seja, a criança compreende primeiro, produz posteriormente Freitas, Alves, & Costa (2007).

1.2.1 Teorias da Aquisição da Linguagem

Na perspetiva de Sim-Sim (1998), muitos cientistas têm estudado sobre a aquisição da linguagem, procurando responder a questões como *O que se adquire? Quando se adquire, como se adquire?* As respostas têm variado ao longo dos anos, tendo sido criadas diferentes teorias sobre este assunto.

Segundo a teoria behaviorista (ou comportamentalista), a aprendizagem está relacionada com a modificação do comportamento. Isto é, só se consegue verificar que uma criança aprende quando esta modifica o seu comportamento perante o estímulo, o que normalmente advém da sua experiência. Relativamente à linguagem, esta teoria permite falar de “comportamento verbal” Sim-Sim (1998), segundo o qual a criança desenvolve a linguagem através da interação com o meio e por imitação do outro (Skinner 1957, citado por Sim-Sim, 1998). Para este autor, a linguagem desenvolve-se através da experiência da criança, por observação e por condicionamento operante, ou seja, a aprendizagem depende de um reforço. Se este for positivo a criança tende a repetir o

mesmo comportamento, se o reforço for negativo, aumenta a probabilidade de a criança não repetir o mesmo comportamento.

Noam Chomsky veio contrariar a perspectiva de Skinner, defendendo que a criança já nasce com uma capacidade inata para a aquisição da linguagem e que qualquer criança passa a dominar a sua língua materna de forma natural, sem nenhum ensino formal. Para este autor, só assim se explica porque as crianças adquirem a língua materna tão cedo e sem dificuldade. A esta capacidade o autor deu nome de *dispositivo para aquisição da linguagem* (DAL) (Papalia, Olds, & Feldman (1999) Skinner afirmava ainda que a criança desenvolvia a linguagem através da imitação, uma ideia que Chomsky contraria, alegando que, se assim fosse, as crianças não produziriam palavras que nunca ouviram, nomeadamente, “*Eu fazi*” em vez de “*Eu fiz*”. Nestes casos, as crianças não estão propriamente a inventar palavras, mas a conjugar verbos irregulares como se fossem verbos regulares, o que demonstra a sua capacidade para fazer um uso autónomo e criativo da língua materna.

O principal responsável pela teoria Cognitivista, Jean Piaget, defendeu que o desenvolvimento linguístico da criança está dependente do seu desenvolvimento cognitivo, pois “a linguagem faz parte de uma organização cognitiva mais vasta” (Sim-Sim 1998, p.303). Segundo o mesmo autor, o desenvolvimento cognitivo é realizado por quatro estádios: Sensório-Motor, Pré-Operatório, Operações Concretas e Operatório Formal. Cada estádio decorre do anterior e prepara a criança para o estádio seguinte.

1.3 Os Contributos da Leitura de Histórias para o Desenvolvimento da Linguagem Oral

Segundo Mata (s.d.), diversos autores ao longo do tempo têm comprovado a importância da leitura de histórias, afirmando que este ato contribui para a compreensão e apropriação da linguagem oral e escrita e das suas convenções. Este estudo vai ao encontro de outro, realizado por Cadima & Silva (2005). Citando Dickinson et al., estes autores mencionam que a leitura de histórias proporciona um aumento do vocabulário e da linguagem oral e ainda permite à criança aprender sobre as convenções gráficas do livro, assim como desenvolver o gosto pelo manuseamento de livros.

Alguns estudos aplicados à população portuguesa realizados por Alves Martins (1996) e Mata (2006) permitem concluir que o nível de conhecimento dos pais relativamente à literatura infantil e o ato de contar histórias em casa está relacionado com o tipo de

vocabulário utilizado pelas crianças e com o grau de familiaridade que estas têm com os livros. É neste sentido que nas OCEPE se afirma que, através do contacto com as histórias, a criança se apropria de um conjunto de competências em diversas áreas de conteúdo e descobre o gosto pela leitura. Naturalmente, aumenta o seu vocabulário e o seu domínio da sintaxe. Para além disso, “a narração de histórias permite à criança desenvolver noções de tempo e ser capaz de usar termos como “e depois”, “e então”, “a seguir”, etc.” (OCEPE,1997, p.77)

Também o Ministério da Educação (s.d.) reconhece que a leitura de histórias na infância conduz a criança a um mundo de fantasia, mas que a leva a compreender a sua vida quotidiana. Nesse documento, refere-se que nos dias de hoje não é habitual a leitura de histórias no meio familiar, cabendo então ao jardim-de-infância proporcionar esses momentos. Contrariamente, Cruz, Ribeiro, Viana, & Azevedo (2012) sustentam que a leitura de histórias é uma das atividades mais comuns no ambiente familiar, referindo explicitamente que “São (felizmente) cada vez mais os pais que consideram importante ler para as crianças desde tenra idade” (p. 16). Em todo o caso, justifica-se que, através do Plano Nacional de Leitura, entre outras iniciativas destinadas a promover a leitura, os pais sejam incentivados a participar mais nas ocasiões de contacto dos seus filhos com as histórias e a proporcionar momentos de leitura aos seus educandos, assim como se justifica que os educadores continuem a fazê-lo, nos contextos educativos.

Noutro estudo sobre a importância de contar histórias na Educação Pré-Escolar, Dias e Neves (2010) concluíram que a leitura de histórias engrandece a imaginação das crianças, aumenta o seu vocabulário, desenvolve o pensamento crítico e ainda permite a aquisição de valores. Segundo as mesmas autoras, os pais envolvidos nesse estudo consideravam importante o ato de contar histórias, tanto em contexto educativo como no seio familiar.

Refletindo ainda sobre os contributos da leitura de histórias, Silva *et al.* (2005) afirmam que a criança, ao escutar uma história, cria o seu próprio conhecimento e descobre que também ela poderá ser autora de uma narrativa. Quer isto dizer que, através de uma história, a criança aprende mais, além do que apenas está mencionado na mesma, tira as suas próprias conclusões. Poderá inventar histórias através de vários materiais, como imagens, fantoches, fazer dramatizações ou apenas contar uma história oralmente, ou seja, participar em atividades em que a criança fale, partilhe a sua

opinião, sentimentos. Este tipo de atividades é fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral, uma vez que em todas essas situações a criança comunica com o outro verbalmente.

Na perspectiva de Lopes (2006) a leitura de histórias, o relato das mesmas, conversas em grande grupo, a partilha de experiências, possibilita à criança ampliar o seu vocabulário, melhorar o seu discurso e promover o gosto pelos livros e pelo conhecimento que estes contêm, sensibilizando para a sua importância no nosso desenvolvimento enquanto seres humanos. No mesmo sentido, Mata (2008) declara que desde cedo a criança observa algumas características típicas de leitura de uma história e depois tende a imitar o adulto, comportamento este que contribui para a compreensão do próprio ato de ler. Contudo, estes comportamentos só se desenvolvem “se as crianças tiverem contactos directos, diversificados e sistemáticos com situações em que observam ou interagem com alguém que lê” (p. 67).

Desta forma, é importante que a leitura seja uma atividade regular e feita a partir de vários tipos de texto (desde listas de compras, receitas, anúncios, a jornais, revistas, livros, entre outros), porque a criança, ao contactar com diversos tipos de texto, despertará a sua curiosidade para os explorar. Mesmo sem saber ler, se for habitual ouvir histórias, uma criança já sabe que estas têm princípio, meio e fim. Através da repetição e da memorização de uma história, a criança acaba por conseguir recontá-la, por vezes olhando para o livro e fingindo que está a ler (Brazelton & D.Sparrow, 2003). Mata (2004) complementa esta ideia, afirmando que a repetição da leitura da mesma história contribui para o enriquecimento do vocabulário da criança. Por este motivo, têm-se realizado diversos estudos sobre a leitura de histórias devido à diversidade de competências que permite desenvolver nas crianças.

Ainda em relação a este assunto, Fredericks (1997) menciona que a leitura de histórias contribui para o desenvolvimento de diversas competências nas crianças, nomeadamente para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação, da linguagem oral e escrita, para a criação de noções matemáticas, desenvolve a comunicação das crianças e permite que elas se relacionem com as suas próprias experiências. As histórias permitem ainda às crianças lidar com diversos sentimentos, como medo, amor, coragem, entre outros, e conhecerem e respeitarem as diferentes culturas.

Resumindo, a leitura de histórias proporciona diversos contributos para o desenvolvimento da criança, entre eles a aquisição de valores, a estimulação da imaginação, da criatividade, auxíla na resolução de problemas e permite à criança a compreensão do meio que a envolve (Ministério da Educação, s.d.). Contudo esses contributos dependem da forma como a leitura de histórias for realizada, uma vez que existem formas menos eficazes de contar uma história, ou seja, se o professor ler uma história de forma contínua, sem permitir que as crianças intervenham, contribui certamente para um aumento da atenção e desenvolve competências da compreensão oral, mas se a leitura for mais interativa, com a participação das crianças, também desenvolve competências ao nível da expressão oral. Todavia não existe um modelo padrão para contar uma história, será uma decisão por parte do professor, dependendo do seu objetivo com aquela história (Cadima & Silva, 2005).

1.4 O Papel do Educador nos Momentos de Leitura de Histórias

Como se sabe, o Educador tem um papel relevante nas aprendizagens das crianças em idade pré-escolar, devendo privilegiar as necessidades dos educandos, com o objetivo de proporcionar um bom desenvolvimento. Desta forma, é de evidenciar a ideia de Rigolet (2009) de que o perfil de educador deve ter em conta um conjunto de qualidades, relativamente à leitura de histórias às crianças. Este deve motivar as crianças para a escuta das histórias, não obrigando-as, pois assim desmotivar-se-ão e não estarão atentas à leitura. Quando a motivação é espontânea, a criança envolve-se e o educador poderá criar um momento mágico de aprendizagem. A autora acrescenta que esta atividade deverá ser dividida em três partes: uma preparação antes da leitura, a leitura propriamente dita e no fim uma conversa sobre a mesma. Isto para que a criança assimile a história e todas as aprendizagens que dela provêm. O educador deverá ter em conta todos os aspetos importantes para que isso aconteça. Primeiro, deve haver uma pequena introdução da história, para que a criança sinta curiosidade em ouvi-la. Durante o conto, deve estimular-se o envolvimento e motivação da criança através de fantoches, do uso das modulações de voz, ou de imagens. Por fim, pode-se recorrer ao reconto ou à dramatização, com o intuito de perceber se a criança realmente assimilou ou gostou do que ouviu. A partir das atividades realizadas posteriormente ao conto da história, o

educador poderá desenvolver inúmeras competências ao nível da linguagem, como por exemplo as competências fonológicas e fonémicas.

Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008) mencionam que, nos momentos em que se ouvem e interpretam histórias, é importante que o educador promova atividades em que o diálogo e a partilha de ideias estejam presentes, com o intuito de as crianças escutarem o outro e saberem esperar pela sua vez, desenvolvendo assim competências pragmáticas de interação verbal. Deste modo é importante que o educador conte histórias às crianças não só através de livros, mas de várias formas (dizendo rimas e poemas, fazendo a descrição de objetos e imagens, pedindo às crianças que inventem histórias) Hohmann & Weikart (2011). Os mesmos autores afirmam ainda que, numa sala de educação pré-escolar, deverá existir uma área que proporcione momentos de leitura e estimule o gosto pela mesma, bem como a curiosidade e o interesse em ouvir histórias. No mesmo sentido, Mata (2008) menciona que a partilha de ideias e as reflexões são uma peça fundamental para a formação pessoal de cada criança. Refere ainda que quem lê a história deve ir mais além do que está escrito na mesma (p. 80). É essencial, nestas idades, ampliar a vertente social da leitura, para que as crianças sintam prazer em partilhar ideias com os outros, em relação às leituras que fazem. Com esta atitude, a criança poderá criar preferências e gostos semelhantes ou diferentes dos outros, aceitar a opinião dos outros e deste modo favorecer-se-á a motivação para novas leituras.

Ao fazer a escolha das histórias a ler, o educador tem de ter em conta as características do grupo, de forma a ir ao encontro dos seus interesses, com o intuito de manter as crianças motivadas durante esse momento.

Segundo Gonçalves, Guerreiro, & Freitas (2011), Uma atividade relevante que o educador poderá desenvolver para contribuir para o desenvolvimento linguístico da criança é a encenação de textos dramáticos e apresentar aos colegas, pois os textos narrativos são bons instrumentos para o educador avaliar as competências linguísticas e comunicativas das crianças, através da construção de frases, a articulação de frases complexas, a adaptação ao interlocutor e ao contexto, porque permite a interação com o outro e a criança aprende a falar assumindo um papel, o que revela uma mais-valia para o desenvolvimento das competências comunicativas.

Sim-Sim, Silva, & Nunes (2008) referem que ao dialogar com a criança, o adulto desempenha um papel de “andaime”, pois este serve de modelo à criança e é seu dever

contribuir para a expansão do desenvolvimento linguístico e cognitivo de qualidade. Por esta razão, o educador deverá ter em atenção a linguagem que utiliza, pois ele é um modelo para as crianças e algumas palavras são ouvidas pela primeira vez. Nesses casos, o educador deverá explicar o respetivo significado, atendendo ao contexto em que poderão ser empregues e às regras da língua. É igualmente dever do educador transmitir à criança, se possível através de atividades lúdicas, a importância de falar com clareza, expressar-se de forma adequada e saber ouvir os outros. Também é importante que a criança tenha oportunidade de se expressar individualmente, dar a sua opinião.

Este papel do educador é tanto mais significativo quanto a aquisição de conhecimentos linguísticos que a criança realiza no pré-escolar tem reflexo no Primeiro Ciclo, pelo que o educador deverá promover um ambiente em que a criança consiga expressar-se de forma adequada e livre (OCEPE 1997). Deste modo, Lopes (2006) alude também ao estímulo que o educador dá à criança, que é essencial não só para o desenvolvimento da linguagem, mas igualmente para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e mental.

Para além das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, existe outro documento, as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar, que tem como finalidade auxiliar o educador na sua prática. Nestas metas estão descritas algumas das aprendizagens que a criança poderá realizar ao longo do pré-escolar.

Capítulo 2

2. Problematização e Metodologia

Neste capítulo, será apresentada a metodologia de investigação usada para realizar este trabalho, assim como a problemática observada durante o estudo e os objetivos e questões que nortearam a investigação.

2.1 Problema, objetivos e questões de investigação

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em educação pré-escolar, o trabalho realizado numa sala de crianças com 5 anos levou a constatar a ausência de um momento regular de leitura de histórias.

Como se verificou no capítulo 1, o educador deverá promover um ambiente em que a criança consiga expressar-se livremente (OCEPE 1997) e como vários estudos revelam que as histórias desenvolvem diversas competências ao nível da Linguagem Oral, a estagiária decidiu criar um momento de leitura de histórias todos os dias, no início da manhã, com a anuência da educadora cooperante. Algumas histórias eram escolhidas pela estagiária, outras pelas crianças, o que aumentou a sua motivação pela leitura de histórias.

Perante o problema definido, os objetivos desta investigação foram verificar a importância da leitura de histórias em pré-escolar, para verificar como estas influenciam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, no que respeita à qualidade do vocabulário usado pelas crianças e compreender a relevância que a educadora atribui à leitura de histórias.

Para Quivy & Campenhoudt (1995), é fundamental numa investigação a colocação de questões claras e objetivas, com o intuito de ser mais fácil a compreensão do que se pretende saber. Sendo assim, foram estabelecidas algumas questões de investigação: i. Será que a leitura de histórias influencia o gosto das crianças pelos livros? ii. Será que a leitura de histórias contribui para a aquisição de vocabulário das crianças?

2.2 Paradigma

Este é um estudo de cariz qualitativo. Chizzotti (2006) refere que uma pesquisa qualitativa não segue um modelo específico, depende das crenças e dos objetivos do pesquisador. Este deverá definir a questão de investigação, com o intuito de clarificar o problema em estudo. Durante este processo, o investigador determinará quais as estratégias, técnicas e métodos que possibilitarão reunir melhor a informação indispensável para a sua investigação.

Segundo Aires (2011), a investigação qualitativa é feita de diversas formas, não seguindo um modelo estanque, podendo basear-se em diversas teorias. Quer isto dizer que a investigação qualitativa abrange vários modelos de investigação, evoluindo assim em seis níveis: “1) investigador, 2) paradigmas de investigação, 3) estratégias e métodos de investigação nos paradigmas qualitativos, 4) técnicas de recolha de materiais empíricos, 5) métodos de análise de informação e 6) avaliação e conclusão do projecto de pesquisa” (p.17). Para este estudo foi importante determinar qual o paradigma adequado à investigação, e de seguida definiram-se as estratégias e técnicas de recolha de dados.

Para Estrela (1990), os indicadores qualitativos têm como função caracterizar a realidade social, indicar as diferenças dos diversos grupos sociais, com o intuito de intervir e posteriormente avaliar. Quer isto dizer que, para intervir, é necessário apelar a dados qualitativos, pois só assim será possível compreender a realidade de maneira a responder adequadamente às suas necessidades.

2.3 Design do estudo

Este estudo caracteriza-se como uma investigação-ação, cujo objetivo foi investigar a ligação entre a leitura de histórias e o desenvolvimento da linguagem oral das crianças em pré-escolar, mais precisamente a aquisição do vocabulário por parte destas após a implementação de momento de leitura de histórias todos os dias.

A investigação-ação procura resolver um problema particular, com o objetivo de melhorar os seus resultados a partir de observação, de ações e de uma reflexão sobre a investigação realizada. (Cohen, Manion, & Morrison, 2007)

2.4 Participantes

Os participantes selecionados para este estudo foram um grupo de crianças de cinco anos e a respetiva educadora cooperante.

2.4.1 Caracterização da instituição de ensino

O estabelecimento onde foi realizado este estudo é uma instituição privada, situada em Queijas, no concelho de Oeiras. Neste estabelecimento existem 3 valências educativas: creche, jardim de Infância e 1.º ciclo. As instalações desta instituição são constituídas por dois edifícios, um ginásio e uma área exterior e encontram-se em bom estado de conservação. O corpo docente inclui uma educadora coordenadora pedagógica, quatro educadoras, quatro professoras de 1.º ciclo, um professor de música, um professor de inglês, um professor de ginástica, um professor de psicomotricidade, uma professora de informática e uma equipa de quatro psicólogos. No corpo não docente existem 6 auxiliares de educação, uma secretária de serviços gerais, uma cozinheira, uma ajudante de cozinha e uma equipa de limpeza.

2.4.1.2. Caracterização do grupo

O grupo de crianças de cinco anos era constituído por 18 crianças, sendo 10 meninos e 8 meninas. Não existiam nesta sala crianças com necessidades educativas especiais.

As preferências lúdicas que estas crianças demonstravam recaíam nos jogos e na música, revelando o grupo uma grande capacidade de atenção e observação nestas atividades. Relativamente à Linguagem Oral, uma criança revelava alguma dificuldade em articular corretamente alguns sons da língua, o que por vezes dificultava a compreensão do seu discurso. Algumas crianças apresentavam dificuldade em exprimir as suas ideias ou opiniões, o que poderia estar relacionado com a qualidade do seu vocabulário.

2.5 Instrumentos de recolha de dados

Após a determinação dos objetivos, a formulação das questões de investigação e a caracterização dos participantes neste estudo, delinear-se os instrumentos de recolha de dados, que foram de essência interpretativa.

2.5.1 Observação

Para conhecer o grupo foi crucial fazer observação durante as rotinas, com o intuito de saber quais as suas necessidades e interesses. Como refere Estrela (1990), para intervir, o professor terá de saber como e o que observar, criando suposições com o objetivo posteriormente poder explicá-las. Para salientar a importância da observação Carmo & Ferreira (2008) mencionam que através da observação é possível compreender e examinar a realidade social. É necessário existir uma seleção de informação, que seja relevante para a investigação, recorrendo à teoria e metodologia científica.

Foi crucial a observação direta durante os momentos de leitura de histórias e as conversas realizadas após os contos, com o objetivo de averiguar se teriam influência no desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Tal como indicam Quivy & Campenhoudt (1995), a observação direta é aquela em que o investigador se dirige ao local e observa a realidade sem recorrer a intermediários, Tendo como base um guião de observação e registando diretamente as informações.

Realizaram-se igualmente observações naturalistas durante os momentos de leitura de histórias. Para Estrela (1990), a observação naturalista é aquela que é realizada no meio natural e descreve os comportamentos observados. A estagiária atuou como observadora participante, sem alterar a organização do grupo.

2.5.2 Entrevista

Foi realizada uma entrevista à educadora cooperante que acompanha o grupo desde os dois anos, foi importante para adquirir informações sobre o grupo, os seus gostos e dificuldades a nível da linguagem oral e para perceber a sua opinião em relação aos contributos da leitura de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças em pré-escolar. Como indica Aires (2011), A entrevista mostra a compreensão do ser humano. Neste caso, a entrevista permitiu aferir a relevância que a educadora atribuía à questão em estudo e comparar a realidade observada com as respostas dadas durante a entrevista. A realização da entrevista decorreu durante o mês de março do ano anterior.

Na elaboração do guião da entrevista, que foi semiestruturada (Anexo 1), delinear-se questões que fossem ao encontro dos objetivos específicos desta investigação, tendo-se o cuidado de formular questões abertas, para que a entrevistada pudesse expressar livremente o seu ponto de vista.

Os objetivos das questões da entrevista foram os seguintes:

- Verificar que atividades deverão ser realizadas para o promover o bom desenvolvimento da linguagem oral
- Compreender a importância que a educadora atribuiu a leitura de histórias
- Verificar se existe prática de leitura de histórias
- Conhecer as dificuldades sentidas pelas crianças
- Compreender se existe relação entre a leitura de histórias e o tipo de vocabulário utilizado pelas crianças

Nas primeiras três perguntas a educadora foi questionada sobre a forma como as crianças desenvolvem a linguagem oral e sobre a importância da leitura de histórias para um aumento do vocabulário. Na quarta e quinta perguntas, foi interrogada sobre o tipo de atividades que o jardim-de-infância deve promover para o desenvolvimento da linguagem oral e qual o papel do educador nessas atividades. Nas três últimas perguntas

a educadora foi questionada sobre o facto de incutir ou não momentos de leitura de histórias na sua rotina e sobre o modo como as crianças participam nesses momentos.

2.5.3 Lista de verificação de competências

No presente estudo foi utilizada uma lista de verificação de competências (em anexo) em dois momentos de leitura de histórias. No início (Anexo 3), para verificar as competências lexicais que as crianças possuíam e no final (Anexo 4), para constatar se houve evolução ao nível da qualidade do vocabulário utilizado pelas crianças.

2.5.4 Notas de Campo

Foram realizadas notas de campo, com o intuito de registar o que fora observado. Este tipo de notas é importante, porque serve para registar pormenores que surgem em campo e auxilia o investigador a acompanhar e a refletir sobre os dados recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994).

Junto destas notas foram incluído um registo fotográfico das atividades observadas, com o intuito de complementar a observação.

2.5.5 Conversas informais

Durante o estudo foram realizadas conversas informais com os participantes, com a intenção de recolher informação para conhecer melhor as crianças e a sua realidade. Estas foram realizadas após as atividades orientadas pela estagiária, durante a brincadeira livre e foram registadas sob notas de campo.

2.6 Tratamento e Análise dos Dados

A análise de dados é um método utilizado para organizar informações durante a investigação, com o intuito de analisar e compreender o que vai sendo observado. Esta análise pode ser feita com base nas transcrições de entrevistas e nas notas de campo, entre outros materiais (Bogdan & Biklen, 1994).

Com o objetivo de responder às questões de investigação definidas anteriormente, ou seja, para verificar se a leitura de histórias influencia o gosto das crianças pelos livros e se a leitura de histórias contribui para a aquisição de vocabulário das crianças, analisaram-se os dados abaixo mencionados.

2.6.1 Observação

Através da observação, foi possível verificar a evolução das crianças relativamente ao vocabulário utilizado após a leitura de histórias e a sua participação durante a mesma. A análise desta observação permitiu chegar a uma resposta para a segunda questão de investigação.

2.6.2 Entrevista

Após a realização da entrevista realizou-se a transcrição da mesma, com o intuito de categorizar e interpretar os dados para poder obter conclusões. Para tratar esses dados, foi crucial recorrer à análise de conteúdo, decompondo-o em categorias para uma melhor compreensão e interpretação. De acordo com Chizzotti (2006), a análise de conteúdo visa dividir um texto em categorias segundo indicadores, para a partir do mesmo ser possível realizar inferências. A análise de conteúdo é, pois, uma das formas possíveis de interpretação do conteúdo de um texto, neste caso da entrevista. Para facilitar a leitura da mesma, é essencial segmentar o texto por tópicos ou por palavras mais simples e determinar quais são as mais relevantes da entrevista. (Anexo 2)

2.6.3 Lista de verificação de competências

A lista de verificação de competências serviu para verificar que existiam crianças com dificuldades a nível da linguagem oral, mais precisamente ao nível do vocabulário. Foi possível detetar uma evolução desde o início. As crianças começaram a participar mais ativamente na leitura de histórias, antecipando as ações das histórias. Verificou-se que, no fim do tempo da intervenção, a maioria das crianças utilizava vocabulário ouvido nas histórias em contextos adequados.

2.6.5 Notas de Campo

As notas de campo tiveram um papel relevante, porque através destas foi possível verificar que as crianças começaram a pedir à educadora cooperante e à estagiária, com regularidade, que lhes lesse uma história. Na hora da brincadeira livre pediam à educadora cooperante para verem livros e, quando simulavam que estavam a contar a história, utilizavam gestos e vocabulário ouvido durante a leitura dessa mesma história, estas notas permitiram chegar a uma resposta para a primeira questão de investigação.

2.6.6 Conversas informais

As conversas informais contribuíram para conhecer melhor as crianças, os seus interesses, as suas dificuldades e as suas histórias preferidas.

Capítulo 3

3.Propostas de Intervenção

Neste capítulo são descritas quatro das atividades que foram realizadas durante a intervenção. Estas atividades foram planeadas tendo em conta o plano curricular de sala. A criação de um momento de leitura de histórias foi desenvolvida de março de 2015 a maio de 2015.



Figura 1- Cantinho da leitura de histórias

3.1.2 Atividade “Ciclo do Mel”

Esta atividade iniciou com a leitura da história “Ciclo do Mel”, durante a qual as crianças colocaram questões como: “Porque é que abelha rainha só punha ovos?”, “Porque é que o apicultor tinha de usar aqueles fatos?” e “Porque é que as abelhas carreteiras não faziam o mel?”. Explicámos que as abelhas dividiam as tarefas entre elas. No fim da história, fizemos perguntas às crianças tais como “Qual é o título da história?”; “Quais eram as personagens principais da história?” e “Como se chamava o sitio onde as abelhas trabalhavam?”. A maioria das crianças conseguiu responder, apenas na terceira pergunta tiveram dificuldade e responderam com ajuda.

De seguida, convidámos as crianças a ordenar as sequências do ciclo do mel.

3.1.2 Atividade: “O Pássaro da Alma”

Esta atividade iniciou-se com uma conversa de tapete, na qual dissemos às crianças que acontecera “algo mágico” na sala: tinha aparecido um avental. As crianças questionaram-na sobre o que continha esse avental, sugerimos abri-lo e elas disseram logo que havia um pássaro. Foi então que anunciámos que se ia contar a história “O Pássaro da Alma”. Conforme íamos contando a história, mostrávamos as imagens e colávamos no avental. No fim da história, explicámos que “cada um tem um pássaro dentro de si”. A razão pela qual seria um pássaro e não outro animal era porque, quando nos sentimos felizes, parece que voamos, e quando nos sentimos tristes parece que ficamos pequeninos e encolhidos. Depois questionámos as crianças sobre situações que as deixam contentes e obtivemos respostas como: “Brincar com os meus amigos”, “Ir à praia”, “Brincar aos zombies”, “Ver televisão”. Fizemos esta pergunta a cada criança, para que as mais introvertidas respondessem também. De seguida, questionamos-lhes sobre situações que as deixavam tristes e obtivemos respostas como: “Quando o meu pai não me deixa comer chupa-chupa”, “Quando os amigos me batem”, “Quando os amigos não querem brincar comigo” e “Quando os amigos não querem brincar aos zombies comigo”.

Após esta conversa, sugerimos às crianças realizarem um jogo, que consistia no seguinte: uma bola era passada entre todos e quem a tivesse tinha de dizer um sentimento. Quando a bola passava a um colega, esse por sua vez tinha de dizer uma palavra que significasse o mesmo que o colega dissera, por exemplo o J. disse *feliz* e passou a bola à M., que disse *contente*.

Ao início as crianças sentiram alguma dificuldade, mas com ajuda do adulto conseguiram realizar esta atividade com sucesso.



Figura 2- Avental da história “Pássaro da Alma”

3.1.2 Atividade: “As Rimas”

Esta atividade foi iniciada pela leitura da história “A Bruxa Castanha” de António Mota. No fim da história, pedimos às crianças que recontassem a história. Houve algumas crianças que sentiram dificuldade, mas com a nossa ajuda conseguiram realizar a tarefa. Depois sugerimos que cada uma tentasse fazer uma rima com o seu nome, com o intuito de construir um livro de rimas da sala amarela. As crianças aderiram de imediato, muito empolgadas. Questionámos cada uma e registámos a sua rima numa folha. A maioria das crianças conseguiu à primeira, mas houve algumas que sentiram alguma dificuldade. No entanto, como houve colegas que as ajudaram, assim todas conseguiram.

3.1.3 Atividade: Dramatização das Histórias “Todos no Sofá” e “Bruxa Mimi no Inverno”

Iniciámos esta atividade a questionar as crianças sobre as histórias contadas até então, perguntando quais tinham sido aquelas de que mais haviam gostado. Metade do grupo respondeu “Todos no Sofá” e a outra metade “Bruxa Mimi no Inverno”. Sendo assim, convidámos as crianças a realizarem uma dramatização dessas histórias. Dividimos o grupo em dois e sugerimos que cada pequeno grupo escolhesse a sua personagem e a desenhasse numa folha branca. No desenrolar da tarefa, as crianças não sentiram dificuldade.

Cada equipa foi pintar o cenário da sua história. O de “todos no sofá” era um sofá e o da “bruxa Mimi no Inverno” era um castelo. Colocámos os cenários no chão para que as crianças conseguissem pintar melhor. Quando terminaram, propusemos às crianças irem ensaiar, mas cada uma é que escolheria a sua fala. Nesta tarefa foi possível observar que as crianças utilizaram vocabulário de outras histórias anteriormente lidas.

Capítulo 4

4. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos a partir da análise da entrevista e das atividades mais relevantes.

4.1 Apresentação dos resultados

A figura 1 diz respeito à observação inicial de comportamentos relativamente à linguagem oral. É relevante referir que os comportamentos assinalados como estando “em aquisição” referem-se aos comportamentos observados inicialmente mas que oscilavam, razão pela qual é difícil assinalar a sua aquisição total.

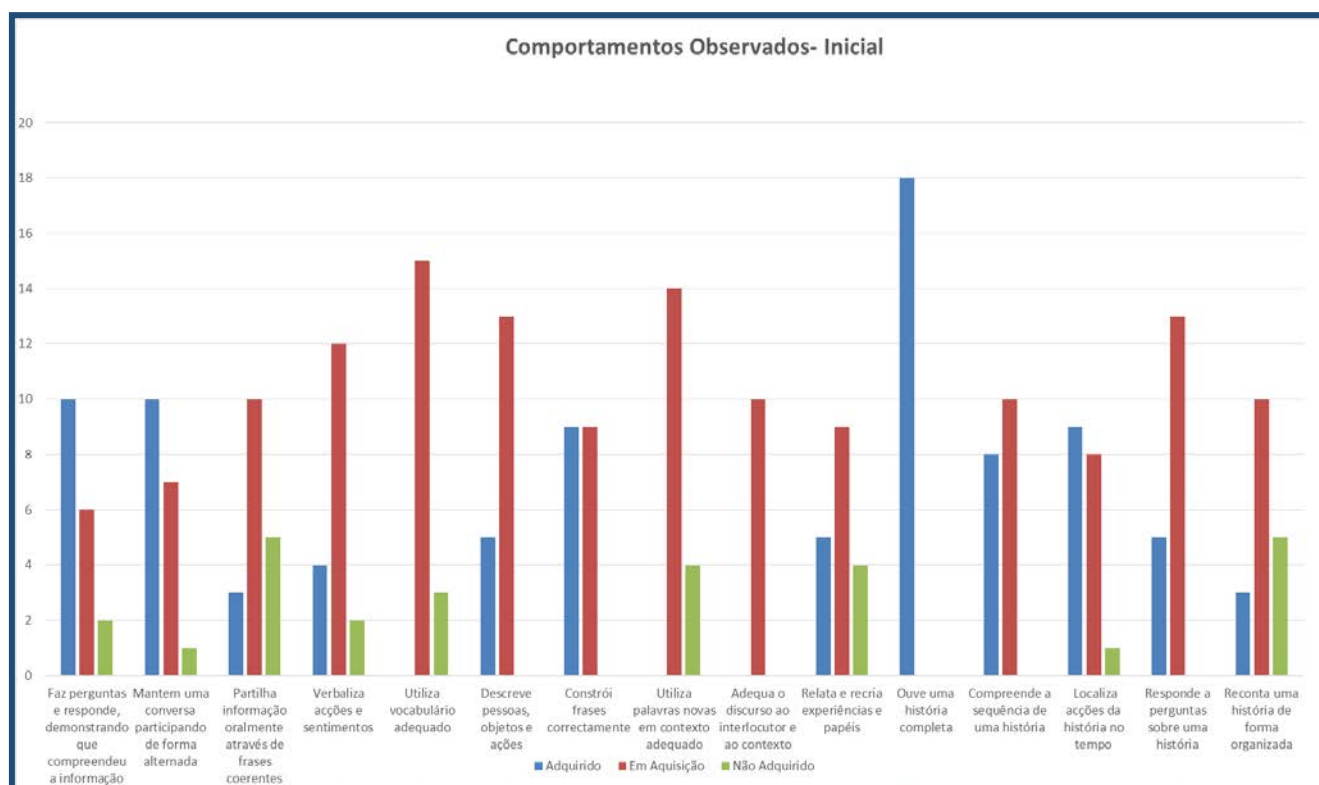


Figura 3- Comportamentos Observados-Inicial

Através da figura, é possível verificar que a maioria das crianças (10) colocava questões e respondia de forma a mostrar que compreendera a informação, embora sentissem dificuldade em articular essa informação através de frases coerentes. A maioria do grupo (10) apresentou “em aquisição” a competência para manter uma

conversa participada de forma alternada, uma vez que as crianças costumavam falar ao mesmo tempo, interrompendo-se umas às outras, ou então não respondiam às perguntas. Era notório que a maioria das crianças (12) sentia dificuldade em verbalizar ações e sentimentos, demonstravam pouco à vontade para falar sobre si próprias e do que sentiam, sendo evidente a necessidade de desenvolver esta capacidade. A quase totalidade do grupo (15) não utilizava vocabulário adequado, sendo este pobre, não diversificado e por vezes pertencente ao domínio do “calão”. Foi possível observar que, em relação à capacidade de descrever acontecimentos, pessoas, objetos e ações, a maioria das crianças (13) apresentava este comportamento em aquisição, manifestando dificuldades em expressar-se com um vocabulário variado. Mais nivelada encontrava-se a capacidade de construir frases corretamente. A maioria do grupo (14) não utilizava palavras novas em contexto adequado e quando eram questionadas sobre o significado de uma palavra, a maioria das crianças não sabiam responder corretamente, mesmo depois de já a terem ouvido mais que uma vez e de a educadora já ter explicado o que significava. Relativamente à competência de adequar o discurso ao interlocutor e ao contexto, os níveis estavam aproximados entre o número de crianças que apresentava tê-lo adquirido e as que apresentavam esta competência ainda em aquisição.

Relatar e recriar experiências e papéis era algo que as crianças não mostravam à vontade para fazer, sendo que apenas 5 crianças tinham esta competência adquirida. Embora fossem capazes de ouvir uma história completa, algumas crianças (10) sentiam dificuldade em compreendê-la, responder a perguntas sobre a mesma e recontá-la segundo uma sequência lógica. Contudo, quando era pedido que localizassem ações da história no tempo, algumas crianças (9) conseguiam fazê-lo.

Como se verificou, a maioria das crianças necessitava de aperfeiçoar as competências de comunicação para conseguir articular frases coerentes sobre o que observa, experiências que vivenciara e para expor os seus sentimentos, sobretudo com um vocabulário variado.

A Figura 2 retrata os comportamentos observados após diversas leituras de histórias. Nota-se uma grande evolução no grupo relativamente à linguagem oral, demonstrada pelos dados abaixo.

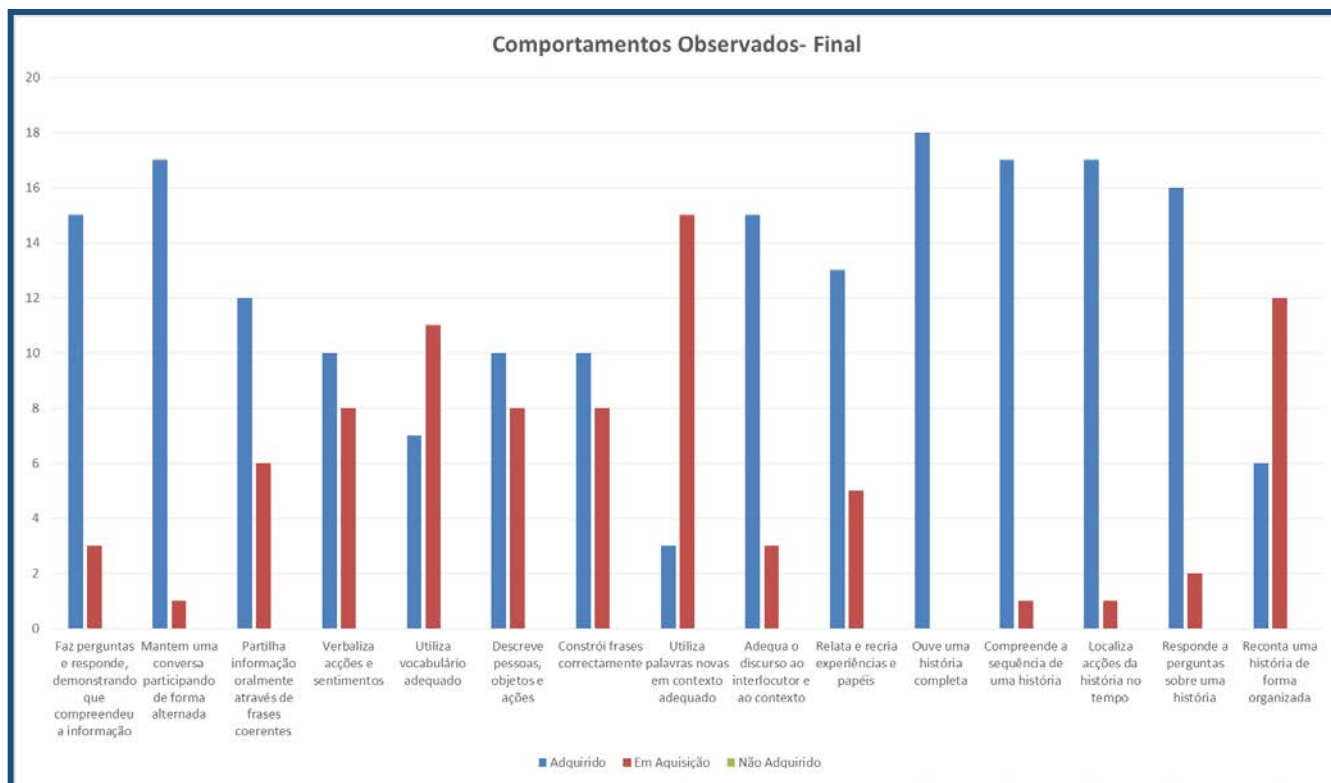


Figura 4- Comportamentos Observados-Final

Como é possível verificar, as crianças que apropriaram comportamentos eram em maior número do que as que não apropriaram ou que as que estavam em aquisição. A maioria das crianças (14) fazia perguntas e respondia, com o objetivo de mostrar que compreendera a informação. A quase totalidade do grupo (16) já conseguia manter uma conversa, participando de forma alternada, querendo dizer muita coisa sobre vários assuntos e demonstrando já a capacidade de tomar a sua vez sem interromper o outro. Metade do grupo (11) já conseguia partilhar informação oralmente através de frases coerentes. Apresentavam melhores competências para verbalizar ações e sentimentos, embora ainda existisse um número elevado de crianças (11) que necessitava de melhorar o seu vocabulário. Neste âmbito, 6 já conseguiam utilizar um vocabulário adequado. As crianças passaram também a ser mais capazes (9) de descrever pessoas, objetos e ações, solicitando auxílio ao adulto para o fazer. Confrontando com a observação inicial, a capacidade de construir frases corretamente continuava com valores muito próximos,

sendo que no segundo momento nove crianças já conseguiam construir frases corretamente. Três crianças utilizavam palavras novas em contexto adequado, conquanto ainda existiam catorze com esta competência em aquisição. Comparando com a observação inicial, a maioria das crianças (14) já manifestava a capacidade de adequar o discurso ao interlocutor e ao contexto.

Doze crianças já eram capazes de relatar e recriar experiências e papéis. Conforme a observação inicial, o grupo continuava a gostar de ouvir uma história completa, revelando comprazimento nesta situação. A quase totalidade das crianças (16) conseguia agora compreender a sequência de uma história, assim como localizar ações da mesma no tempo. Relativamente à observação inicial, neste segundo momento quinze crianças já respondiam a perguntas sobre uma história sem dificuldade, contudo, no que diz respeito ao reconto, ainda existiam algumas crianças (12) com dificuldades.

Como se pode averiguar, as crianças que adquiriram os comportamentos desejados são em maior número do que as que não os adquiriram ou que os estavam a desenvolver.

Relativamente à entrevista realizada à educadora cooperante, na sua opinião as crianças desenvolvem a linguagem oral, sobretudo por ouvir as outras pessoas a falar e por essa razão o adulto deve ter em atenção a forma como fala, porque as crianças têm uma forte capacidade e propensão para a assimilação do que ouvem. Também menciona que a leitura de histórias é fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral, assim como os momentos antes e após a leitura. Ou seja, antes de se contar uma história é importante preparar as crianças para o que vão ler e explorar certos conceitos (capa, contracapa, lombada, o autor da história entre outros) e depois da leitura é relevante que se tenha uma conversa sobre o que acabaram de ouvir, salientando os aspetos mais importantes. Pode-se pedir-lhes que façam o reconto da história oralmente, através de imagens, fantoches, etc. A educadora referiu ainda que nos momentos de leitura de histórias o seu papel é o de mediador, fazendo com que as crianças participassem por iniciativa própria e incentivando os mais introvertidos a intervir.

4.2 Discussão dos resultados

Com base da análise dos dados recolhidos, A leitura de histórias contribuiu para um aumento significativo do vocabulário e para uma melhoria das competências comunicativas das crianças envolvidas. Estes resultados assemelham-se a outros estudos concretizados, particularmente o de Dias e Neves (2010), que concluíram que a leitura de histórias proporciona um aumento do vocabulário.

Considerando as respostas conseguidas na entrevista à educadora cooperante, em relação à questão da importância da leitura de histórias a crianças em idade pré-escolar, a educadora respondeu que eram importantes, porque as crianças necessitam de um pouco de fantasia, “entrar” num mundo imaginário e através das histórias as crianças estão expostas a um vocabulário diversificado. Em relação à questão sobre os contributos da leitura de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral de crianças em idade pré-escolar, a educadora respondeu que as histórias são importantes, mas também são os momentos antes e pós-leitura. Esta afirmação coaduna-se com a ideia de Rigolet (2009), de que a leitura de histórias deve ser dividida em três partes: uma preparação antes da leitura, a leitura propriamente dita e no fim uma conversa sobre a mesma. Isto para que a criança assimile a história e todas as aprendizagens que dela provêm.

No que respeita à última questão, sobre o papel do educador, a educadora respondeu que este tinha a função de andaime. Como referem Sim-Sim, Silva, & Nunes (2008), ao dialogar com a criança, o adulto desempenha um papel de “andaime”, pois este serve de modelo à criança e é seu dever contribuir para a expansão do desenvolvimento linguístico e cognitivo de qualidade.

Relativamente às atividades realizadas, foi evidente que houve uma evolução ao nível do vocabulário das crianças.

Relativamente à atividade “Ciclo do Mel”, a estagiária iniciou-a com a leitura de uma história, para introduzir o tema do ciclo do mel, sugerindo depois às crianças que a recontassem. Esta prática está de acordo com as OCEPE (1997), que sublinham a relevância de o educador pedir o reconto da história, pois isto fará com que as crianças alarguem o seu vocabulário, ao empregarem as palavras ouvidas.

Em relação à atividade do “Pássaro da Alma”, também aqui foi possível contar a história usando outro material (avental) e permitir que as crianças falassem sobre os seus sentimentos. O jogo realizado permitiu enriquecer o vocabulário do grupo, ao transmitir a noção de que existem várias palavras com o mesmo significado. Esta atividade vai ao encontro de Silva et al. (2005), quando declaram que o educador poderá criar histórias através de diversos materiais, nomeadamente fantoches.

Respetivamente à atividade “As Rimas”, foi igualmente possível ver o entusiasmo das criança após a história, ao tentarem criar uma rima com o seu próprio nome. Esta atividade vai ao encontro do que defendem Hohmann & Weikart (2011), quando afirmam que é importante o educador contar histórias de várias formas, nomeadamente através de rimas.

Por fim, na atividade da dramatização das histórias concretizou-se uma finalidade prevista por Gonçalves, Guerreiro, & Freitas (2011), que referem que a dramatização contribui para o desenvolvimento linguístico da criança.

Considerações Finais

5. Considerações Finais

Neste ponto será apresentada uma reflexão sobre o estudo desenvolvido, tendo em conta os objetivos e as questões de investigação delineadas inicialmente.

5.1 Conclusões da investigação

Este estudo serviu para explorar e compreender os contributos da leitura de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral, especificamente competência lexical no contexto da educação pré-escolar.

O estudo realizado não permite generalizar os resultados, porque se baseou num único contexto educativo, não permitindo partir do princípio de que todas as crianças com faixa etária de cinco anos revelem dificuldades no desenvolvimento lexical e à capacidade comunicação oral. No entanto, foi um estudo relevante, porque permitiu salientar a importância da leitura de histórias em pré-escolar e as dificuldades que as crianças poderão sentir quando a linguagem oral não é estimulada.

Tendo em consideração os objetivos delineados para este estudo, é importante refletir sobre as respostas obtidas relativamente às questões que orientaram a investigação: i. Será que a leitura de histórias influencia o gosto das crianças pelos livros? ii. Será que a leitura de histórias contribui para a aquisição de vocabulário das crianças?

A resposta à primeira questão é afirmativa, porque foi possível observar uma maior solicitação dos livros, nomeadamente na hora da brincadeira livre as crianças pediam para verem livros e simulavam que estavam a contar a história.

Relativamente à segunda questão é igualmente positiva, apesar de a investigação ter sido conduzida durante um curto período de tempo, foi notória a evolução das crianças no que respeita ao desenvolvimento da sua capacidade de expressão oral. Este desenvolvimento é observável nas *checklists* inicial e final, que mostram as diferenças nas suas competências lexicais antes e depois da intervenção pedagógica. Também é digno de referência o resultado da atividade da dramatização das histórias, em que as crianças construíram as suas próprias falas, tendo a maioria utilizado adequadamente o vocabulário ouvido em histórias anteriores.

No que respeita à entrevista à educadora, este meio de recolha de dados revelou-se útil e pertinente, desde logo porque a mesma acompanhava o grupo desde os dois anos e estava diariamente em contacto com as crianças. A entrevista permitiu compreender a necessidade em realizar momentos de leitura de histórias e como estas são cruciais para um bom desenvolvimento da linguagem oral de uma criança.

5.2 Contributos do estudo

A realização deste estudo permite reforçar a importância da leitura de histórias em pré-escolar, em conformidade com as teorias de diversos autores. Os resultados obtidos permitiram verificar a influência da leitura de histórias no aumento do vocabulário de um grupo de crianças de cinco anos cujas limitações, no que respeita ao conhecimento lexical e à capacidade de expressão oral, eram bastante notórias. Esta investigação contribuiu igualmente para uma reflexão, por parte da educadora envolvida, sobre o seu papel neste âmbito.

5.3 Limitações do estudo

A limitação deste estudo prende-se com algumas lacunas praticadas pela investigadora, mais precisamente no que respeita aos instrumentos escolhidos para a recolha de dados. Relativamente à entrevista, teria sido interessante ter-se realizado às restantes educadoras da instituição, para compreender as suas opiniões relativamente à leitura de histórias. Igualmente teria sido pertinente a realização de inquéritos aos pais, com o intuito de compreender se era praticada em casa a leitura de histórias.

5.4 Propostas para investigações futuras

Como investigação futura, seria pertinente um estudo que comparasse duas turmas em pré-escolar com a mesma faixa etária, durante os momentos de leitura de histórias e que avaliasse as competências ao nível da linguagem oral de ambas, para analisar o impacto da leitura de histórias nas duas turmas, uma vez que este estudo se focou apenas numa turma, porque no local em que a investigação foi realizada apenas existia uma turma de crianças de cinco anos.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo, E suas práticas e investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bogdan, C. R., & Biklen, K. S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto-Editora.
- Brazelton, T., & D.Sparrow, J. (2003). *A criança dos 3 aos 6 anos, o desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cadima, J., & Silva, P. (s.d.). Contributos para a análise de situações de exploração de uma história em contexto de sala de aula no 1ºano de escolaridade. Em F. Viana, E. Coquet, & M. Martins, *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração 5: Investigação e Prática Docente* (pp. 97-114). Coimbra: Almedina.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação, Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education* (6ª ed.). New York: Taylor & Francis or Routledge's.
- Costa, J., & Santos, A. L. (2003). *A falar como os bebés*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Cruz, J., Ribeiro, I., Viana, F., & Azevedo, H. (Julho de 2012). *A Leitura de Histórias: Qualidade das Interações entre Pais e Filhos*. Obtido de Repositorium do Minho: <http://hdl.handle.net/1822/24259>
- Dias, C., & Neves, I. (2010). *A importância de contar histórias*. Obtido de Ler em família, Ler na escola, Ler na biblioteca: Boas Práticas.: <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/665>
- Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Departamento da Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Educação, M. d. (s.d.). *Orientações para Actividades de Leitura. Programa- Está na Hora da leitura. 1ºCiclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes, Uma estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Porto Editora.
- Fredericks, L. (1997). *Developing Literacy Skills Through Storytelling*. Obtido em 19 de Fevereiro de 2016, de The Resource Connection: <https://www.ecu.edu/cs-lib/trc/upload/Developing-Literacy-Skills-Through-Storytelling-2.pdf>

- Freitas, M. J., Alves, D., & Costa, T. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gonçalves, F., Guerreiro, P., & Freitas, M. J. (2011). *O Conhecimento da Língua: Percursos de Desenvolvimento*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1995). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J. (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância*. Lisboa: Asa Editores.
- Mata, L. (2004). *Era uma vez...* Obtido de Análise Psicológica: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v22n1/v22n1a10.pdf>
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação- Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Mata, L. (s.d.). *Hábitos e Práticas de Leitura de Histórias Como Caracterizar?* Obtido de Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Portugal: http://cie.ispa.pt/ficheiros/areas_utilizador/user23/mata_1._2008a_habitos_e_praticas_de_leitura_de_historias.pdf
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (1999). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: gradiva.
- Rigolet, S. A. (2000). *Os três P- Precoce, Progressivo, Positivo. Comunicação e Linguagem para uma plena expressão*. Porto Editora.
- Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças. Como formar leitores activos e envolvidos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, A., Araújo, D., Luís, H., Rodrigues, I., Alves, M., Rosário, M., . . . Tavares, T. (2005). *A Narrativa na Promoção da Igualdade de Género. Contributos para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- SIM-SIM, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2002). *Desenvolver a Linguagem, Aprender a Língua*. Porto: Porto-Editora.

SIM-SIM, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação- Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Anexos

Anexos

Anexo 1- Guião da Entrevista ao Educador de Infância

Anexo 2- Análise de Conteúdo da Entrevista aplicada à Educadora de Infância

Anexo 3- Cheklist Inicial- Competências da Linguagem Oral

Anexo 4- Cheklist Final- Competências da Linguagem Oral

Anexo 1

Guião da Entrevista ao Educador de Infância

Tema: A importância das histórias para o desenvolvimento da linguagem oral no Pré-Escolar.

Objetivos:

- Verificar que atividades deverão ser realizadas para o promover o bom desenvolvimento da linguagem oral
- Compreender a importância que a educadora atribuiu a leitura de histórias
- Verificar se existe prática de leitura de histórias
- Conhecer as dificuldades sentidas pelas crianças
- Compreender se existe relação entre a leitura de histórias e o tipo de vocabulário utilizado pelas crianças

Estratégias:

- Comunicar ao entrevistado o objetivo da entrevista;
- Valorizar a cooperação do entrevistado;
- Agradecer a sua disponibilidade;
- Garantir ao entrevistado confidencialidade pelas informações prestadas.

Características gerais

Entrevistado: Educadora de Infância

Local da entrevista: Colégio situado no concelho de Oeiras

Duração da entrevista: 20 minutos

Data de Realização: 16.03.2015

Hora: 12:00

Perfil do entrevistado

Sexo: Feminino

Idade: 41 anos

Habilitações Literárias: Licenciatura em Educação Básica

Anos de serviço na docência: 20 anos

Guião da entrevista

1. Na sua opinião como é que as crianças desenvolvem a linguagem oral?
2. No grupo existe crianças que sentem dificuldade a nível da linguagem oral?
3. Que atividades deverão ser realizadas para o promover o bom desenvolvimento da linguagem oral?
4. Qual o papel do educador nessas atividades?
5. Considera importante a leitura de histórias para o desenvolvimento da linguagem oral? Porquê?
6. No seu plano curricular incluiu o momento de leitura de histórias? Como as crianças participam nesse momento?
7. Que atitudes observa nas crianças quando lê uma história?
8. Na sua opinião, a leitura de histórias contribuem para um aumento do vocabulário?

Desde já agradeço a sua participação,

Marisa Marques

Anexo 2

Análise de Conteúdo da Entrevista aplicada à Educadora de Infância

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Perfil do entrevistado	Caracterização Pessoal	Idade	41	“Quarenta e um”
	Caracterização Profissional	Habilitações Literárias Nível de ensino Anos de docência	Licenciatura Pré-Escolar 17	“Licenciatura em Educação Básica” “Trabalho com crianças em idade pré-escolar” “Dezassete”
Desenvolvimento da Linguagem Oral	Conhecimento pessoal	Forma como se desenvolve a linguagem oral	Ouvindo Falar e Falar	“Por Falar e por ouvir a oralidade das outras crianças e dos adultos, por isso é fundamental como o adulto fala, porque as crianças são umas esponjinhas.”
Contributo das Histórias para o Desenvolvimento da Linguagem Oral	Opinião	Importância atribuída	Exercita a linguagem oral. As histórias são importantes mas os momentos antes e pós-leitura também são.	“Sim, porque exercita a linguagem oral.” “antes de se contar uma história é importante que se prepare as crianças para o que vão ler e explorar certos

				conceitos (capa, contracapa, lombada, o autor da história entre outros) e depois da leitura é relevante que se tenha uma conversa sobre o que acabaram de ouvir, dizerem aspetos mais importantes.”
O Papel da Educadora	Opinião	Importância atribuída	Mediador	“Mediador, fazer com que as crianças participem e tenham iniciativa e “puxar” por os mais introvertidos. “

Anexo 3

Cheklis Inicial- Competências da Linguagem Oral

NOMES	A. P.	A. L.	C.B.	D.J.	G.V.	G.A.	G.P.	L.F.	L.D.	L.P.	M.M.	M.B.	M.I.	M.B.	M.C.	R.R	R.M.	V.H.
	Competências																	
Faz perguntas e responde, demonstra que compreendeu a informação	Adquirido	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Mantem uma conversa participando de forma alternada	Adquirido	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Partilha informação oralmente através de frases coerentes	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Não adquirido	Não adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Não adquirido	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Verbaliza ações e sentimentos	Em Aquisição	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Utiliza vocabulário adequado	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Não adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Descreve pessoas, objetos e ações	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Constrói frases corretamente	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Utiliza palavras novas em contexto adequado	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Não adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Adequa o discurso ao interlocutor e ao contexto	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Relata e recria experiências e papéis	Não adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Não adquirido	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Ouve uma história completa	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido
Compreende a sequência de uma história	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Localiza ações da história no tempo	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido
Responde a perguntas sobre uma história	Adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição
Reconta uma história de forma organizada	Em Aquisição	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição	Adquirido	Em Aquisição	Não adquirido	Em Aquisição	Adquirido	Adquirido	Não adquirido	Não adquirido	Adquirido	Em Aquisição	Em Aquisição

Adquirido

Em Aquisição

Não adquirido

Anexo 4

Checklis Final- Competências da Linguagem Oral

NOMES	A. P.	A. L.	C. B.	D. J.	G. V.	G. A.	G. P.	L. F.	L. D.	L. P.	M. M.	M. B.	M. I.	M. B.	M. C.	R. R.	R. M.	V. H.
	Competências																	
Faz perguntas e responde, demonstra que compreendeu a informação																		
Mantem uma conversa participando de forma alternada																		
Partilha informação oralmente através de frases coerentes																		
Verbaliza ações e sentimentos																		
Utiliza vocabulário adequado																		
Descreve pessoas, objetos e ações																		
Constrói frases corretamente																		
Utiliza palavras novas em contexto adequado																		
Adequa o discurso ao interlocutor e ao contexto																		
Relata e recria experiências e papéis																		
Ouve uma história completa																		
Compreende a sequência de uma história																		
Localiza ações da história no tempo																		
Responde a perguntas sobre uma história																		
Reconta uma história de forma organizada																		

Adquirido

Em Aquisição

Não adquirido